

Pluriverso: uma estratégia de ensino afrocentrada para a educação profissional e tecnológica

RESUMO

Augusto Rodrigues de Sousa
augustosdb@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-4647-5397>
Instituto Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia, Brasil

Lediane Fani Felzke
lediane.fani@ifro.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-5367-1209>
Instituto Federal de Rondônia, Ji-Paraná, Rondônia, Brasil

Este artigo apresenta uma estratégia afrocentrada para o ensino de humanidades no contexto dos cursos técnicos integrados ao ensino médio como oportunidade de consideração de outras perspectivas epistemológicas, de base africana, afro-brasileira e indígena no cotidiano escolar. A metodologia principal adotada foi a pesquisa participante, modelo decolonial e engajado de pesquisa qualitativa. Nesse processo, foram realizadas rodas de conversa e oficinas de trabalho colaborativo para produção coletiva do conhecimento. A estratégia de ensino proposta, pautada na pesquisa e no trabalho colaborativo como princípios educativos, demonstrou ser uma rica prática pedagógica voltada para a superação do racismo e para a experiência de processos educativos politécnicos.

PALAVRAS-CHAVE: Afrocentricidade. Politecnia. Estratégias de Ensino.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de uma dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - *Campus* Porto Velho Calama (PROFEPT- IFRO) realizada em parceria com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI/IFRO) e com o Grupo de Pesquisas em Temáticas Étnicas da Amazônia (GETEA/IFRO).

O objetivo do estudo foi contribuir para a implementação do princípio de consideração da diversidade étnico-racial no contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), a partir de um processo coletivo de pesquisa e produção de conhecimento no qual os alunos se sentissem ativamente participantes e representados nas temáticas abordadas.

Nesse sentido, optamos por um processo de pesquisa participante no qual foram realizados diversos procedimentos que possibilitaram a participação ativa das alunas e alunos como sujeitos de pesquisa, tais como rodas de conversa, pesquisas bibliográficas e documentais realizadas em grupo, oficinas colaborativas, dentre outras. Esses procedimentos permitiram produzir coletivamente uma estratégia de ensino afrocentrada voltada para o ensino de humanidades no contexto dos cursos técnicos integrados ao ensino médio.

Nesse cenário, é importante considerar que a implementação de políticas afirmativas e de consideração pela diversidade étnico-racial e a capilarização da educação profissional e tecnológica por meio dos Institutos Federais, promoveu a emergência de sujeitos historicamente excluídos dos espaços institucionais de educação, tais como pretos e pretas, indígenas, filhos das classes mais pobres, e trabalhadores. A presença desses sujeitos convida educadoras e educadores a desenvolver novas metodologias e estratégias de ensino e a considerar outras perspectivas de conhecimento, para além daquelas impostas pela tradição hegemônica, de caráter eurocêntrico (ARROYO, 2012; HOOKS, 2017).

Simultaneamente, no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, percebem-se resistências tanto à implementação da consideração pela diversidade étnico-racial, quanto pela efetivação de práticas curriculares integradas com vistas à politecnia, causadas, dentre outros fatores pela ausência de investimentos na formação dos profissionais em educação, pela deficiência de materiais didáticos com essas perspectivas de ensino; pelas fortes influências do modelo de conhecimento fragmentado e individualista que a escola reproduz como instituição moderna e eurocentrada; e, não se pode deixar de mencionar, por um conjunto de intolerâncias e preconceitos enraizados na sociedade brasileira (FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2005; MORAES; KÜLLER, 2016; MUNANGA, 2005).

Diante do princípio da consideração pela diversidade étnico-racial exigido pelo marco legal da educação nacional, da possibilidade de integração curricular com horizonte politécnico na educação profissional e das resistências à implementação de ambos; percebe-se a necessidade de se contribuir para a oferta

de propostas e materiais educativos que favoreçam práticas pedagógicas antirracistas também no contexto da educação profissional e tecnológica.

Dessa forma, partimos dessa encruzilhada temática em busca de instrumentos concretos que facilitem o trabalho pedagógico no cotidiano escolar voltado para a superação do racismo, a construção de relações étnico-raciais plurais e a politecnia como emancipação da classe trabalhadora.

De acordo com Saviani (1989, p. 13), a politecnia trata-se do fazer pedagógico voltado para a “superação da dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual, entre instrução profissional e instrução geral”, através de processos educativos que promovam o domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o trabalho produtivo moderno, em vista da formação do ser humano omnilateral. Essa concepção está ancorada na ideia marxiana do trabalho como fundamento ontológico do ser humano, isto é, como atividade com a qual o ser humano, ao transformar a natureza, transforma e cria a si mesmo e a cultura (MARX, 2018).

Sem dúvidas essa percepção se contrapõe ao modelo de exploração escravista, base da acumulação primitiva do capital, de enriquecimento das metrópoles e de construção das relações sociais brasileiras; que repercutem ainda hoje na precarização do trabalho e na cassação de direitos do trabalhador, na oferta de educação de tendência tecnicista aos mais pobres, no claro desprezo ao trabalho manual e na fetichização do diploma, associado às classes sociais mais economicamente favorecidas (CORDÃO; MORAES, 2017).

Desse modo, ao se pensar o horizonte politécnico, almeja-se uma educação integral da classe trabalhadora, na qual também o ensino de humanidades contribua no processo de formação da pessoa, para além do tecnicismo pragmático: na reflexão crítica acerca dos próprios saberes e da própria formação; no pensar ético acerca do trabalho; nas ressonâncias políticas de sua atuação profissional, dentre outros aspectos (LIMA; FRIGOTTO, 2015).

Por outro lado, a ideia de humanidade sempre foi apresentada como um clube restrito, ao qual negros, indígenas e muitos outros povos foram excluídos; ao mesmo tempo em que as humanidades sempre foram consideradas como exercício mais elevado do pensamento, inatingível aos demais povos, especialmente os negros. Desse modo, o ensino de humanidades, assumido sob uma perspectiva eminentemente eurocêntrica, constitui um instrumento de exclusão, ainda que sob uma perspectiva progressista (KRENAK, 2019; NOGUERA, 2014).

Essas percepções nos convidam a refletir que não pode haver politecnia, como formação integral da pessoa, enquanto o espaço escolar continuar servindo como apêndice da colonização, validador dos conhecimentos ocidentais e europeus como “razão universal” imposta; e a figura do homem branco, adulto, europeu e cristão como padrão universal de humanidade e civilidade. A politecnia se realizará plenamente quando os alunos puderem se reconhecer no espaço do pensamento, no livro didático e nos demais recursos e discursos do ambiente educativo.

Dessa maneira, em busca de bases epistemológicas que possibilitem essa extensão conceitual da politecnicidade, encontramos na concepção de pluriversalidade, proposta pelo filósofo sul-africano Mogobe Ramose (2011), uma postura filosófica possível a esta tarefa, visto que se apresenta como paradigma que reconhece a existência de diferentes perspectivas e centralidades, sejam elas culturais, geopolíticas, filosóficas, existenciais, entre outras; e que assume a particularidade como ponto de partida válido para se compreender e interagir com a totalidade das manifestações do ser.

A concepção de pluriversalidade dialoga também com a percepção decolonial da geopolítica do conhecimento, isto é, a noção de que todo conhecimento é produzido contextualmente em um lugar, por um sujeito, que habita um corpo e uma classe. A construção ocidental do saber finge desconsiderar essa geopolítica como forma de imposição da sua epistemologia particular, autoproclamada universal (GROSGUÉL, 2008; MALDONADO-TORRES, 2010).

Igual contribuição oferece a reflexão do feminismo negro ao assumir que todo discurso se apresenta a partir de determinada perspectiva, de um determinado lugar situado nas estruturas de poder. Todo sujeito que emite um discurso está inserido em um espaço particular no qual se realizam as hierarquias de classe, de gênero, espirituais, geográficas, linguísticas, raciais, etc. do sistema-mundo vigente. Reconhecer o lugar de fala de cada produção permite desconstruir o mito da universalidade e possibilita a valorização de outras perspectivas (RIBEIRO, 2017).

Certamente a prática educativa politécnica é enriquecida no diálogo com o paradigma pluriversal, pois se a politecnicidade se apresenta como instrumento de superação do capital, o sistema-mundo burguês moderno possui outros tentáculos que precisam ser igualmente superados. A pluriversalidade é um convite a transpor a visão particularista de superações desconexas e unir saberes em vista da formação integral e da emancipação total.

MATERIAIS E MÉTODOS

O processo de construção da estratégia de ensino aqui apresentada foi vivenciado como uma experiência de pesquisa de caráter qualitativo e exploratório, na qual optamos por caminhos epistemológicos e metodologias decoloniais e pluriversais pautados na crítica ao colonialismo eurocêntrico e no reconhecimento dos povos subalternizados como sujeitos do saber e produtores do conhecimento (ASANTE, 1991; RAMOSE, 2011).

Os sujeitos da pesquisa foram 15 alunas e alunos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - *Campus Calama*, que já participavam das atividades do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI-IFRO) da unidade de ensino. A pesquisa ocorreu nas instalações do próprio Instituto Federal.

Partindo-se da pesquisa participante como metodologia principal, foram realizados diversos procedimentos participativos, tais como rodas de conversas, oficinas colaborativas e pesquisas bibliográficas realizadas em grupos.

A produção dos dados iniciais foi realizada através da pesquisa bibliográfica exercida pelos adolescentes reunidos em grupos de trabalho, e das rodas de conversa como momento de partilha das descobertas realizadas no processo de leitura. Desse modo foi possível identificar as melhores formas de ensino e de trabalhos em grupo e basear-se nessas referências para a construção de uma estratégia própria de ensino, enriquecida pelas leituras afrocentradas e as percepções grupais partilhadas nas rodas de conversa.

Dentre as fontes pesquisadas destacam-se: a proposta de aprendizagem baseada em projetos— ABP (BENDER, 2014), a metodologia do ensino de filosofia de Sílvio Gallo (2012), a proposta metodológica para a Educação Profissional e Tecnológica de Jarbas Barato (2008) e a metodologia das comunidades eclesiais de base, uma experiência religiosa ecumênica e popular muito difundida na América Latina (CELAM, 2007).

Após a leitura das fontes e as rodas de conversa, foram realizadas oficinas colaborativas para a definição das etapas da estratégia de ensino e os fundamentos filosóficos e pedagógicos da mesma. Essas oficinas se basearam em metodologias ativas de aprendizagem através das quais todos os envolvidos na pesquisa puderam participar na montagem da estratégia de ensino (CAMARGO; DAROS, 2018).

O resultado do trabalho coletivo foi validado inicialmente pelo próprio grupo de pesquisa e pela banca de mestrado ao qual foi apresentado. Posteriormente, foi disponibilizado na página online <http://pluriversoept.com>, bem como no repositório de produtos educacionais “eduCAPES”, conforme o link: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/572453>.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A construção da estratégia de ensino aqui apresentada é fruto de um processo mais amplo de leituras e discussões através dos quais o grupo de pesquisa decidiu produzir coletivamente um produto educacional concreto que integrasse a consideração pela diversidade étnico-racial e a implementação de práticas educativas com horizonte politécnico, isto é, que tomassem o trabalho e a pesquisa como princípios educativos em vista da superação da dualidade entre teoria e prática.

Inicialmente, o grupo de pesquisa havia decidido criar uma coletânea de projetos de ensino com temáticas antirracistas, voltada para os objetivos elencados, entretanto no decorrer da elaboração, surgiu a necessidade de construção de uma estrutura básica para todos os projetos. Desse modo, optamos por compilar, a partir das fontes bibliográficas escolhidas, uma sequência de etapas específica, posteriormente denominada “Estratégia Pluriverso”. Como essa estratégia poderia ser vivenciada em diferentes situações pedagógicas (aulas, projetos integradores, sequências didáticas, etc.), o grupo decidiu apresentá-la como produto educacional principal das pesquisas.

A mudança de foco no decorrer do processo de construção do produto educacional foi pedagogicamente interessante porque permitiu ao grupo vivenciar

a flexibilidade de percurso possível num processo de pesquisa participante, que envolve um crescimento coletivo da compreensão do fenômeno estudado e das respostas que o grupo de pesquisa pretende oferecer (BRANDÃO, 2006).

Ao mesmo tempo, ao propor uma estratégia de ensino adaptável à variedade de conteúdos acredita-se estimular uma postura pluriversal e antirracista em todo o percurso escolar, e não apenas em datas especiais ou capítulos anexos reservados à discussão dessas temáticas. Um caminho eficiente de superação do racismo porque permite a visibilidade cotidiana do pensamento das pensadoras e pensadores pretos, pretas, indígenas e subalternos (RIBEIRO, 2019).

Essa é uma postura prevista no parecer do Conselho Nacional de Educação nº 003/2004, que explicita que o processo de reeducação para as relações étnico-raciais envolve não tanto um acréscimo de conteúdos, mas a total mudança de paradigmas na vivência das relações étnico-raciais em educação (BRASIL, 2004). Sem se excluir é claro, o estudo de conteúdos específicos e a reflexão acerca das datas especiais.

A Estratégia Pluriverso foi construída como instrumento didático de aplicação do paradigma epistemológico da pluriversalidade, proposto por Ramose (2011), como consideração de que existem diversos universos culturais e que não existe um modo de conhecer a realidade que possa se atribuir como única alternativa válida de conhecimento. Dessa forma, rompe-se com um modelo geopolítico do conhecimento, organizado em um centro dito evoluído e periferias; e se notam “sistemas policêntricos em que centro e periferias são contextuais, relativos, politicamente construídos” (NOGUERA, 2014, p. 33).

A estratégia também é herdeira da abordagem afrocêntrica proposta por Molefi Asante (1987, 1991) como abordagem epistemológica situada a partir das cosmo percepções dos povos africanos e indígenas, que propõe o diálogo e confronto com o pensamento hegemônico a partir das vivências e conhecimentos subalternos.

As leituras e reflexões realizadas fundamentaram a proposta de um caminho que leva em conta a percepção interseccional da realidade, herdada do feminismo negro, de que a mulher negra, por ser a que mais sofre o conjunto de sistemas de opressões ocidentais, deve ser assumida como figura central do salto civilizatório (AKOTIRENE, 2019). Em julho de 2017, em um encontro sobre feminismo negro e decolonial ocorrido em Cachoeira - Bahia, a filósofa Angela Davis (2017, não paginado) afirmou: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, muda-se a base do capitalismo”. Por isso, sempre que possível, a estratégia propõe que se parta da leitura e da reflexão da obra de uma pensadora negra ou indígena. Não de modo exclusivo, mas como opção política específica do grupo.

A partir das bases epistemológicas da Educação Profissional e Tecnológica consideramos também o horizonte da politécnica e da integração curricular, pautados na consideração pelo trabalho como princípio educativo e a pesquisa

como princípio pedagógico e como opções políticas de emancipação da classe trabalhadora (KUENZER, 1989).

Desse modo, propusemos um caminho didático que valoriza diferentes linguagens e promove a interdisciplinaridade, a pesquisa e o trabalho como princípios educativos; e que ajudem a superar a fragmentação do conhecimento. Ao mesmo tempo, promovemos a visibilidade de pensadoras e pensadores africanos, afro-brasileiros e indígenas como caminho de superação do epistemicídio, isto é, do assassinato das formas de pensar dos povos antes colonizados (CARNEIRO; FISCHMAN, 2005).

Trata-se de uma estratégia de ensino de caráter antirracista e politécnico, estruturada em cinco etapas, que pode ser utilizada como esquema de preparação para aulas e projetos desenvolvidos no campo das humanidades em todos os anos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio. As etapas propostas são: Sensibilização, Pesquisa e Diálogos, Produção, Avaliação e Celebração, explicadas mais detalhadamente a seguir.

Figura 1 - Etapas da Estratégia Pluriverso



Fonte: Elaborado pelos autores.

SENSIBILIZAÇÃO

A primeira etapa se fundamenta na concepção de que as práticas pedagógicas devem partir da vida concreta e conduzir a ela. Assim, a Estratégia Pluriverso propõe que, inicialmente, os alunos devem ser "sensibilizados" sobre os temas a serem desenvolvidos, refletir sobre sua importância, sentir-se parte de um processo coletivo de construção do conhecimento e não apenas ouvintes (FREIRE, 2005; HOOKS, 2017). Através do conceito de "sentidos de mundo", descrito pela socióloga nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí (2017), a sensibilização é o convite a superar o reducionismo do conhecimento visual eurocêntrico, donde o conceito de cosmovisão; para envolver diferentes linguagens (música, poesia, comida, filme, perfumes, toques, etc.) e diferentes sentidos, cosmopercepções. Nessa

etapa também podem se realizar atividades de organização concreta dos alunos em equipes e da apresentação explícita dos objetivos de aprendizagem propostos.

PESQUISA E DIÁLOGOS

A segunda etapa do Estratégia Pluriverso consiste na pesquisa, leituras e diálogos em grupos a partir de questões orientadoras e da leitura de um texto base, de preferência a partir da produção filosófica de mulheres pretas e indígenas. Desse modo, propõe-se um caminho de autonomia e cooperação dos estudantes e um perfil de professor como orientador de processos pessoais de construção do conhecimento e não apenas transmissor de conteúdos. Importância fundamental nessa etapa é apresentar diferentes perspectivas para uma mesma temática, deixando que os alunos confrontem ideias com os autores e entre si, nesse sentido a leitura e as rodas de conversa são os elementos principais da etapa.

PRODUÇÃO

Após a pesquisa e as rodas de conversa os alunos são convidados a produzir algo concreto para ser apresentado. As provas tradicionais avaliam apenas a memória das alunas e dos alunos, enquanto o modelo de construção coletiva de um produto (projeto) permite que desenvolvam outras inteligências e dimensões da própria personalidade. A etapa da produção materializa o conhecimento em algo cotidiano, permite a conexão entre a vida real e o saber estudado e possibilita ao aluno viver a experiência do trabalho em grupo como princípio educativo e da pesquisa como princípio pedagógico (BENDER, 2014; FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2005).

AVALIAÇÃO

Nessa etapa as alunas e os alunos são primeiramente convidados a se autoavaliarem, percebendo o que aprenderam até o momento no processo vivenciado (seja no sentido intelectual, quanto de relações humanas, dedicação pessoal, dons e habilidades, etc.). Em um segundo momento, são convidados a avaliar os colegas do próprio grupo, desenvolvendo desse modo a comunicação assertiva, não violenta e construtiva, aprendendo a dar feedback aos companheiros de trabalho e a desenvolver relações comunitárias sadias. Por fim, avalia-se também o produto concreto realizado pelo grupo.

CELEBRAÇÃO

O trabalho humano também se realiza na celebração, na amostra do trabalho realizado aos demais. Parte-se da convicção marxiana que vê no trabalho o fundamento ontológico do ser humano, isto é, de que o ser humano se faz pessoa no trabalho (MARX, 2018). Mas o trabalho humanizador se realiza em comunidade e somente a relação com o outro permite a realização do princípio humanizante do trabalho (Ubuntu). Parte disso é a festa, a alegria pelo trabalho concluído, o orgulho pelo bem realizado. Com essa última etapa queremos ajudar as alunas e os

alunos a viver essa dimensão da vida e aprender a celebrar com os demais as pequenas e grandes conquistas através da divulgação dos resultados de pesquisa com a comunidade educativa e escolar em murais, feiras, exposições, saraus, etc. (BARATO, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao dar início a essa pesquisa constatamos resistências à implementação de duas propostas educativas no contexto da educação profissional e tecnológica: a resistência na implementação do princípio da consideração da diversidade étnico-racial, instituído por pelo menos três marcos legais de abrangência federal; e a resistência na implementação de propostas integradoras em vistas da politecnia como princípio educativo.

Desse modo, nos indagávamos como trabalhar a temática das relações e diversidades étnico-raciais no contexto do curso técnico integrado ao ensino médio. Um problema que pode soar pouco técnico do ponto de vista metodológico, mas que nos parecia apropriado porque não se tratava mais de questionar a legitimidade das propostas, mas os caminhos possíveis para sua aplicação cotidiana.

As leituras prévias indicavam que ambas as resistências partiam das raízes eurocentradas e modernas/coloniais que formatam a concepção de conhecimento no contexto escolar. De modo que, a implementação dessas propostas necessariamente passaria pela crítica aos modelos epistemológicos coloniais promovidas pela tradição filosófica decolonial e pelo feminismo negro.

Entendemos que o objetivo geral da pesquisa foi atendido, porque efetivamente vivenciamos o processo coletivo de pesquisa e produção coletiva de conhecimento como forma de contribuir para a implementação da consideração pela diversidade étnico-racial no contexto da Educação Profissional e Tecnológica e os alunos sentiram-se participantes ativos e representados no produto educacional produzido.

A pesquisa partiu da hipótese de que é possível refletir as relações étnico-raciais no contexto do ensino técnico integrado ao médio, a partir de práticas educativas que se pautem no diálogo, na possibilidade de acesso a outras fontes de conhecimento - para além daquelas consagradas pelos currículos hegemonicamente eurocentrados - e na construção ativa do conhecimento por parte dos alunos, assumindo a pesquisa e o trabalho coletivo como princípios pedagógicos.

A partir desses pressupostos, o grupo de pesquisa criou, a partir de propostas metodológicas já consolidadas, uma estratégia de ensino que sintetizasse em um único processo tanto a consideração pela diversidade étnico-racial quanto o horizonte politécnico das práticas educativas, ao pautar-se na pesquisa e no trabalho colaborativo como princípio educativo.

De fato, a estratégia produzida consolidou essas convicções em cinco etapas bem definidas que podem servir como estrutura para aulas, sequências didáticas,

projetos de ensino e outras práticas educativas em EPT. Cada etapa ajuda os alunos e professores a vivenciar a experiência de partir da realidade concreta vivencial das alunas e alunos e da experiência dos povos africanos, afro-brasileiros e indígenas (sensibilização); o encontro com diferentes fontes teóricas que possibilitem o diálogo entre diferentes perspectivas, para além da perspectiva ocidental (pesquisa e diálogos); a produção de alguma atividade concreta em grupo, como oportunidade de experiência do trabalho coletivo e da produção concreta do conhecimento com vistas à divulgação e transferência para o bem comum (produção); a oportunidade de dar e receber feedback não apenas sobre o conteúdo memorizado mas a todo o processo educativo (avaliação) e, por fim, a experiência de compartilhar o conhecimento num sentido festivo para toda a comunidade educativa (celebração).

Por conseguinte, a Estratégia Pluriverso busca responder à necessidade de modelos para práticas pedagógicas explicitamente antirracistas, assumindo uma perspectiva decolonial, interseccional, e um horizonte pluriversal e politécnico. Desse modo, não propomos apenas o acréscimo de conteúdos, mas convidamos a uma mudança profunda das perspectivas epistemológicas e das metodologias pedagógicas, especialmente no que se refere ao papel do professor e nas relações estabelecidas em sala de aula.

Obviamente a implementação dessa estratégia de ensino constitui um exercício de superação da visão do professor como transmissor de conhecimentos para animador de processos de autonomia dos alunos; e da sala de aula, de espaço do monólogo, ao ambiente do diálogo e do aprendizado mútuo. Tal movimento pressupõe a superação da linearidade epistemológica ocidental em vista da circularidade complexa do pensar africano, afro-brasileiro e indígena. Destarte, a Estratégia Pluriverso apresenta-se como um recurso válido e disponível no amplo leque de soluções educacionais que podem ser úteis para promover práticas educativas inovadoras e inclusivas em Educação Profissional e Tecnológica.

Pode-se notar que a Estratégia Pluriverso é apresentada como um produto educacional que se encontra na encruzilhada de suas temáticas educativas igualmente importantes: a consideração pela diversidade étnico-racial e o horizonte politécnico da educação profissional. Numa encruzilhada, os modelos epistêmicos ocidentais, fundamentados na linearidade, não conseguem dar conta de buscar a totalidade do desafio.

No entanto, no mundo filosófico africano e afrodiaspórico a encruzilhada é um elemento corriqueiro, especialmente na experiência mitológica, que vê em Exú, o senhor das encruzilhadas, aquele rompe o espaço-tempo e promove a justiça ao subalterno explorado. Ao mesmo tempo, no pensamento interseccional, herança do feminismo negro, a encruzilhada é metáfora das relações sociais heterarquizadas que sustentam o sistema-mundo vigente. É uma boa hora de partir dessa perspectiva para dialogar com a complexidade da vida real, cada vez mais evidente e para o qual a educação deve responder.

Pluriverse: an afrocentric teaching strategy for professional and technological education

ABSTRACT

The article presents an afrocentric strategy for teaching humanities in the context of technical education integrated to high school. The strategy starts from the consideration of other epistemological perspectives, of african, afro-brazilian and indigenous basis in the school routine. The main methodology adopted was participatory research, a decolonial and engaged model of qualitative research. In this process, conversation circles and workshops were held for the collective production of knowledge. The proposed teaching strategy, based on research and collaborative work as educational principles, demonstrated a rich pedagogical practice to overcome racism and experience of polytechnic educational processes.

KEYWORDS: Afrocentricity. Polytechnics. Teaching Strategies.

Pluriverso: una estrategia afrocentrada para la educación profesional y tecnológica

RESUMEN

El artículo presenta una estrategia afrocéntrica para enseñar humanidades en el contexto de la educación técnica integrada a la escuela secundaria como una oportunidad para considerar otras perspectivas epistemológicas, de base africana, afrobrasileña e indígena en la vida escolar. La principal metodología adoptada fue la investigación participativa, un modelo descolonial y comprometido de investigación cualitativa. En este proceso, se realizaron círculos de conversación y talleres de trabajo colaborativo para la producción colectiva de conocimiento. La estrategia de enseñanza propuesta, basada en la investigación y el trabajo colaborativo como principios educativos, es una práctica pedagógica muy efectiva, que presenta la posibilidad de experimentar procesos educativos politécnicos y el horizonte para superar el racismo.

PALABRAS CLAVE: Afrocentricidad. Politécnico. Estrategias de enseñanza.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ARROYO, M. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- ASANTE, M. **The Afrocentric Idea**. Filadélfia: Temple University, 1987.
- ASANTE, M. Afrocentric idea in education. **The Journal of Negro Education**, Washington, v. 60, n. 2. p. 170-180, 1991.
- BARATO, J. N. Conhecimento, trabalho e obra: uma proposta metodológica para a educação profissional. **Revista de Educação Profissional**, Rio de Janeiro, v. 34, n.12, p. 4-15, set./dez. 2008.
- BENDER, W. **Aprendizagem baseada em projetos: educação diferenciada para o século XXI**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- BRANDÃO, C. R. A Pesquisa Participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu. **Pesquisa Participante: a partilha do saber**. Aparecida, SP: Letras e Ideias, 2006. p. 17-54.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/ CP 3/2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. **Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 mai. 2004.
- CAMARGO, F.; DAVOS, T. **A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- CARNEIRO, S.; FISCHMAN, R. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**, 2005. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.
- CELAM. **Documento de Aparecida**. Brasília: Edições CNBB, 2007.
- DAVIS, A. **Curso de Black Feminism— Angela Davis**. 2017. (2h15m43s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NDwbjSvpDZo&feature=emb_logo. Acesso em: 31 out. 2020.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. **Ensino Médio Integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.
- GALLO, S. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o Ensino Médio**. Campinas: Papyrus, 2012.

GROSFOGUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, Coimbra, p. 115-147, Mar. 2008.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KUENZER, A. Z. O trabalho como princípio educativo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 68, p. 21-28, fevereiro 1989.

LIMA, R. M.; FRIGOTTO, G. Práticas pedagógicas e ensino integrado. **Revista Educação em Questão**, v. 52, n. 38, p. 61-80, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/viewFile/7956/5723>. Acesso em: 19 abr. 2018.

MALDONADO-TORRES, N. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento: modernidade, império e colonialidade. In: SANTOS, B. D. S.; MENESES., M. P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 313-339.

MARX, K. Processo de trabalho e processo de produzir mais-valia. In: MARX, K. **O Capital: crítica da economia política: livro I**. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 33. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 211-231.

MORAES, F.; KÜLLER, J. A. **Currículos Integrados no ensino médio e na educação profissional: desafios experiências e propostas**. São Paulo: Editora Senac, 2016.

MUNANGA, K. **Superando o Racismo na Escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NOGUERA, R. **O ensino de Filosofia e a lei 10.6339**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

OYĔWÙMÍ, O. **La invención de las mujeres: Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género**. Bogotá: Editorial en la frontera, 2017.

RAMOSE, M. Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana. **Ensaio Filosóficos**, Rio de Janeiro, v. IV, p. 6-23, out. 2011. Disponível em: http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/Ensaio_Filosoficos_Volume_IV.pdf. Acesso em: 31 out. 2020.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAVIANI, D. **Sobre a Concepção de Politecnia**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ — Politécnico de Saúde Joaquim Venâncio, 1989.

Recebido: 25 jul. 2020

Aprovado: 1 dez. 2020

DOI: 10.3895/rtr.v5n0.12842

Como Citar: SOUSA, A. R. de; FELZKE, L. F. Pluriverso: uma estratégia de ensino afrocentrada para a educação profissional e tecnológica. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 5, e2012842, p. 1-15, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Augusto Rodrigues de Sousa

augustosdb@gmail.com

Direito Autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

